

O COMERCIO DA PÓVOA DE VARZIM

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
OFICINAS D' O COMÉRCIO - Tel. 62331

JORNAL REPUBLICANO E DEFEN-
SOR DOS INTERESSES LOCAIS

Director, Editor e Proprietário
Manuel Agénia Fresco

Confiança

«O seu espírito é um sulco fundo e fértil
Onde germinam inúmeros e sábios pro-
jectos»

POR MARIA CESARINY CALAFATE

Ocorrem-me estas palavras do poeta antigo, a respeito do nosso novo Presidente do Conselho.

Pelo que sabemos já do Dr. Marcello Caetano, e pelo que a rádio e a imprensa mais nos tem vindo a informar, e ainda pelas belas palavras que proferiu no discurso da posse, abrimos-se-nos promessas de inúmeros e sábios projectos com que há-de enriquecer o seu mandato. Melhor dizendo, com que há-de enriquecer o país. Que o alcance autêntico de um mandato não é no que se refere ao seu, do governante, mas, e na extensão mais lata do termo, no que se refere aos governados. Qualquer ideia de posse com matiz pessoal, ainda que apenas em sugestão, deve ser banida, para que resalte profunda e nas suas prementes implicações

OS PRESIDENTES DAS CAMARAS no Código Administrativo

Fez o nosso colega local um comentário que pretendeu ser jocoso, à transcrição que fizemos de parte de um notável trabalho do sr. dr. J. G. da Cruz Filipe sobre a matéria em epígrafe. E não hesitou em levar a pretendida jocandade ao ponto de tentar minimizar a categoria científica da Revista «O Direito» e o prestígio internacional do seu Director, comparando-o a um provedor de qualquer Santa Casa.

Quando faltam razões... Quanto à existência de Chefes de Secretaria que não cumprem, para além da simples lembrança que estão sujeitos a inspecções periódicas aos seus serviços, perguntamos: Tem-se procurado distinguir quando há um Chefe de Secretaria que na verdade «emperra» a máquina ou quando esse «emperramento» é fruto da incapacidade dos dirigentes — «um fraco rei faz fraca a forte gente», já dizia o nosso Épicu — que depois atiram com as culpas para costas alheias a fim de desviarem de si próprios as atenções?

a responsabilidade do bem comum a que se comprometeu.

Ninguém duvida como é tarefa difícil e como a melhor vontade dos melhores chefes não a tem conseguido senão até um mínimo de perfeições, em confronto doloroso com o irrealizado. Sirva-nos, porém, de lição de humildade — e bem precisa — de como no-la ensinam, tanto nos custa aprendê-la — cada exemplo que nos prova como o ser humano é limitado no poder, nas poses e nas possibilidades, diria o nosso padre António Vieira... em melhor prosa, claro. A nossa adesão a um Chefe deve ser feita da compreensão dessas limitações, para não censurarmos com cegueira as falhas, nem igualmente com cegueira incensurarmos. Como é tão do gosto de muitos, uns por ingénua sinceridade, outros por manhosa conveniência. E perigo a dobrar, porque distrai o chefe mais probo das suas reais dimensões, e amolece em quem incensa o conhecimento sólido de uma luta que não pode ser só de palavras. Chega o respeito merecido pelo chefe que dedica ao país o seu esforço honesto. E, se nem tudo corre da maneira que desejamos, e ele próprio também, não é razão para lhe negarmos reconhecimento pelo que fez de bom e tolerância pelo que ainda não se realizou e só deve ser caminho para os vindouros continuarem a obra já começada, sem perdas de tempo em balanços inúteis ao que passou. A História de uma nação não é feita por um só homem, mas pelo povo inteiro que nem sempre lhe é fácil conduzir, e por circunstâncias que o transcendem e nem sempre lhe são favoráveis.

Tarefa difícil, portanto. Ainda porque, em situações de vantagem, se insinuam razões, nem sempre justas, mas insidiosamente ataviadas de razão. Quase convincentes, se, como afirmava um sofista grego o Sócrates — «Diálogo da Justiça», de Platão —, «o justo tem sempre menos que o homem injusto. Em primeiro lugar, nas convenções mútuas, e no comércio da vida, nunca encontrámos que, no momento da dissolução da sociedade, o justo tenha mais do que o homem in-

Continua na página 4

50 anos depois!

11 de Novembro de 1918!
Na manhã nevoenta e fria deste dia já tão distante, os clarins dos Exércitos aliados anunciaram ao mundo a boa nova: de ter terminado a guerra — guerra de extermínio, de desolação e de tristeza. Os clarins anunciaram a vitória dos Exércitos, cujos soldados verteram muito do seu generoso sangue para que houvesse na terra Paz, Harmonia e Amor!

Os soldados portugueses chamados a intervir no conflito, fizeram-no com o fim de manterem intacto o nosso vasto território ultramarino que estava sendo cubido e até partilhado por nações poderosas. O seu arrojo, o seu destemor e a sua valentia causaram espanto e admiração ao Mundo. Além disso batiam-se por uma causa nobre, por um ideal onde estivessem reunidos todos os homens de boa vontade.

Mas os homens não se entenderam. E porque não se entenderam, novo conflito surgiu 21 anos depois com todos os seus horrores.

E ainda hoje se não entendem porque continua a imperar no mundo o egoísmo, a vaidade e a ambição.

Até quando? Sim, até quando, senhores!

ENGENHEIRO JOSÉ ERNESTO CEREJO

Conheci-o, há uma boa dezena de anos, numa noite de temporal desfeito. Batera-se à porta e fui dar com os olhos num homem novo, a pingar água sustentando numa das mãos uma potente lanterna de pilhas. Atrás, alguns vultos indistintos aguardavam o desfecho dos acontecimentos.

— V. Ex.ª não me arranja, por favor, uma bebida para os meus homens? Enregelaram e preciso deles por mais algumas horas.

— Entrem, veremos o que há por aí! Rápidamente servi aos homens uns tragos de água ardente e fiquei sabendo que se tratava do Engenheiro dos Serviços Municipalizados que, com outros serviços, andavam de guarda à rede eléctrica assalada, nas noites anteriores, por auzad quadrilha.

Aquele homem novo, a pingar água, talara-me com tamanho entusiasmo sobre a pérfida acção dos vandálicos saltadores e dos prejuízos resultantes para os Serviços e para o público que, ao despedi-lo, falei só com os meus botões: Este funcionário, felizmente, ainda não foi contaminado pela doença de que, por vezes, enferma a classe e os franceses sintetizam na expressão consagrada do «Laisser faire, laisser passer». É o vulgar estribilho do irresponsável: Quem quiser que faça... isto, afinal, não é meu!...

Ao tempo do episódio que acabo de referir, suponho não ser ainda o Eng.º Cerejo o Director Delegado dos Serviços Municipalizados da nossa terra. Se não era, viria a sê-lo com justo mérito e por feliz deliberação da Câmara. Entendo, cá para mim, ser esta a forma mais económica e eficaz de resolver o problema directivo de uns Serviços Municipalizados, atendendo à sua natureza específica, de exploração industrial ao serviço do público. É fácil compreender que, impondo a lei às Câmaras a obri-

Toponimicamente falando, é clara...

Passou a borrasca e agora tudo é bonança! Lanço o barco nas salvas ondas — e salgadas que elas estiveram! — e vou navegar tranquilamente, não fazendo ondas... rumo a um porto de entendimento.

Em Espinho, da Costa Verde, por exemplo, e também no Bairro da Conceição, em Setúbal, as ruas não ostentam qualquer nome de baptismo: são meramente numeradas. Óptima solução para agradar a «gregos e troianos» — e os descontentes que houver, poucos serão.

Quererá a Póvoa seguir-lhes o exemplo? E não mais surgirão polémicas, como as discussões ainda há pouco verificadas, toponimicamente falando...

Aliás, elas deveriam ter acabado à nascença.

O sr. dr. Jorge Barbosa tinha falado. Não poderia haver discussões! Digo-o com todo a justiça. Provo a sua alta competência sobre tudo o que diz respeito à Póvoa, com tudo o que ele tem escrito acerca da Terra a que tanto quer.

Mas se desejam ainda mais e quiserem ver para que, como S. Tomé, melhor creiam, entrem

POR JOSÉ DOS REIS

então no n.º 15 do Largo de Eça de Queirós, subam ao primeiro andar, tomem à esquerda e... ah! que tor de livros, revistas, cadernos de apontamentos sobre a Póvoa, mais a Póvoa, ainda a Póvoa!

E o sr. dr. Jorge Barbosa, não há muito a braços com mal grave — e ainda não completamente são — lá está curvado sobre todos aqueles preciosos elementos de consulta, sacrificando absolutamente a sua saúde aos interesses da sua Póvoa do Mar.

Por mais que eu lhe tenha «reclutado» moderação; zelo pela sua saúde; trabalho algum, mas ao ar livre: por mais que lhe pregue que tem esposa e filhas — e tantas! — ele ouve... sorri... não teme... e encarna-se cada vez mais a trabalhar pela Póvoa!

Está demonstrado, pois, que o sr. dr. Jorge Barbosa é um Povoiteiro a quem a sua Terra já deve muito.

Dos outros membros da Comissão de Toponímia, nada sei dizer. Dos seus opositores, nada direi, que não estou a par dos seus conheci-

Continua na página 2

Quem semeia ventos... (3)

Como noticiámos, a Câmara Municipal deliberou, em reunião extraordinária de 28 de Outubro, ponderando a conveniência e necessidade de averiguar vários factos praticados pelo Chefe da Secretaria Municipal sr. Sebastião Póvoas para o efeito de determinar a respectiva responsabilidade disciplinar «mandar» proceder ao inquérito ou inquéritos necessários.

Segundo sabemos, os factos a inquirir são os seguintes:

1.º — Em Junho de 1967 opôs-se ao pagamento de pensões que haviam trabalhado por conta da Câmara em serviços de limpeza na zona da praia. Interrogado pelo Presidente disse que era ilegal por respeitar a serviços efectuados em zona do domínio público marítimo. Interrogado novamente sobre a maneira como havia feito nos anos anteriores, tanto mais que os serviços em referência se tinham iniciado por decisão da Câmara, anteriormente à sua entrada para a Presidência da Câmara e tinham sido iniciados ainda no tempo

do anterior Presidente, respondeu perentoriamente (sic): — «Que não dizia, e depois «que não sabia»? Mas o sr. Presidente pode mandar pagar, tomando a responsabilidade dessa decisão. O Chefe da Secretaria é que tinha que registar a sua opinião de que era ilegal».

2.º — Redige as actas por forma deficiente e por vezes tendenciosas, verificando-se falta de conformidade com a realidade dos factos ocorridos na sessão e o teor das deliberações tomadas, seja na parte enunciativa, seja na parte decisória, o que tem dado lugar a rectificações frequentes na sessão seguinte sendo ainda de admitir que algumas tenham passado sem rectificação. Consta de várias actas, como por exemplo a que foi lavrada em 21 de Junho de 1968 — Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, pela funcionária Maria Emilia, intervenções do Vice-Presidente quando em exercício na presidência da Câmara, intervenções dos srs. Vereadores Simão Tavares, Eduardo Fonseca e Dr. Manuel Octávio Torres, datadas de 4 de Março, 18 de Abril, 5 de Junho, 5 de Agosto e de Agosto de 1968.

3.º — Dificuldades e demoras inadmissíveis na celebração de contratos para os terrenos da Praça João XXIII, do sr. Mário da Conceição Marques e de outros, chegando a afirmar perante o Vice-Presidente da Câmara de que não lhe poderiam ser marcados prazos pois que como Chefe da Secretaria, não Noticiámos pela Câmara e que tinha que resolver e decidir; tal atitude fazia desanimar os interessados e causar prejuízos de interesse público e aos particulares.

4.º — Recusa de elaborar as bases do orçamento da Câmara, depois de várias ordens verbais da Presidência, posteriormente dadas também por escrito, e de fornecimento deficiente dos elementos necessários e convenientes para esse efeito, assuntos estes que foram objecto das ordens de serviço de 27 de Outubro de 1967 e de 1 de Setembro de 1967.

5.º — Incorreção para com o Vice-Presidente não o cumprimento em quase todas as circunstâncias e designadamente quando entra no gabinete do Presidente e aquele ali esteja.

6.º — Não deu seguimento ao deliberado em reunião por proposta do Presidente, que fossem notificados os proprietários dos terrenos em Landos onde existem uns poucos denominados «pocos negros», que constituem perigo grave por não terem qualquer resguardo e estarem no meio do mata não sendo notados pelos transeuntes, não fez o expediente para as notificações a fazer aos proprietários.

Continua na página 4

Continua na página 4

Presidente da Comissão de Turismo

O sr. Eduardo Ribeiro da Fonseca, presidente da Comissão de Turismo, enviou uma carta ao sr. Presidente da Câmara, a solicitar licença daquele cargo até ao fim do ano, alegando para tal, afazeres profissionais.

TIMOR

a primeira terra portuguesa à quem da «barreira do tempo»

por EDUARDO SERAFIM

Viajei por todo o Ultramar Português, respectivamente no Ocidente: Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné e Angola.

O Oriente é para mim como para vós um Mundo desconhecido, dele tendo sómente profundos conhecimentos através da boa literatura que gentilmente me é enviada pela Agência Geral e Ministério do Ultramar.

Falar de Timor é a continuação de que tenho vindo a fazer em breves resenhas sobre outras parcelas do Portugal de Além Mar. Para não fugir à sua história, a qual se considera de valor relevante, começo por abordar o seu descobrimento.

Quando, no Verão de 1511, Afonso de Albuquerque tomou Malaca, os portugueses ficam de

posse do mais importante entreposto comercial do Extremo Oriente; afiluem as especiarias e a madeira de sândalo de ilhas do Oceano Pacifico. O domínio do estreito de Malaca passa assim, para a mão dos primeiros europeus que chegaram aquelas paragens.

Singapura, no extremo sueste do estreito, é chave da entrada de toda a navegação tradicional dos mares de leste. Afonso de Albuquerque sabe em Malaca que a noz-moscada vem do arquipélago

Continua na página 2

POR UMA PÓVOA MAIOR, foi o lema que adoptou a Sopete.

Nós adiantaremos um pouco mais: Por uma Póvoa maior e melhor onde tenham lugar todos os poveiros e onde todos se deem como irmãos. Sim, só com todos a puxar ao cabo, mas a puxar certos e bem, sem que se veja um só a fazê-lo irregularmente, é que a Póvoa poderá seguir por novos trilhos. Com um entendimento muito sério entre todos os que aqui nascemos e de muitos que, não sendo daqui naturais, querem tanto à nossa Terra como se nela houvessem nascido, é que a Póvoa poderá reencontrar o caminho perdido. Deixemos de ilusões e de palavrado teórico. As coisas devem cha-

nota da semana

mar-se pelo seu devido nome. Na Póvoa tudo corre mal. Mal em todos os sentidos até porque não vemos necessidade de focar um ou outro assunto. E enquanto não se capacitarem de que tudo na Póvoa corre mal, enquanto se não convencerem de que o barco — a Póvoa neste caso — pode encalhar nos penedos à mais pequena vaga de mar e ao mais ligeiro descuido, as coisas não melhorarão e continuarão a correr mal de certeza. Di-lo a nossa já longa experiência dos homens e daquilo de que eles são capazes. Arrepiar caminho enquanto é tempo, é dever de todos os que têm no caso a sua parte de responsabilidade. Amanhã será tarde e sem tempo de poderem levar as mãos à cabeça contristados e arrependidos.

Tout court!...

Continuado da página 1

mentos sobre o assunto em questão. Do meu intento ao escrever este artigo, não consta só a justiça que quis prestar há pouco ao sr. dr. Jorge Barbosa, mas alguma coisa mais que diante se verá.

Parece-me muito aconselhável que quando formos molestados por quem quer que seja, encolhamos os ombros e... «bico calado!»

O sr. dr. Jorge Barbosa não quis sair à estacada — e, mesmo, não seria caso para tal.

E eu, a quem, evidentemente, o distinto médico não entregou a defesa do seu trabalho, não serei mais... «capista do que o Papa». Então ao que venho? Divertir-me — ou, talvez, não.

Sim senhor: os Santos da Corte Celestial eleitos, santificados depois de prolongados e rigorosos processos de beatificação e santificação são eternos nos seus pedestais. Sejam dados, pois, os seus nomes aos arruamentos cidadãos com a certeza da eternidade da denominação.

E entendo mais que, cada placa topomímica deverá apresentar a imagem do Patrono da rua, e ainda que, no seu dia litúrgico, a data será festivamente comemorada pelos moradores no arruamento.

Mas... Há sempre um «mas», é claro, uma adversativa, a opor-se a qualquer intento, opinião ou desejo.

Não acham os leitores que é chocante ler-se que na rua de S. João, ou no Largo de Santo António ou na Avenida da Imaculada Conceição, morreram três pessoas atropeladas por um carro nas mãos de um motorista altamente criminoso; ou houve lá um crime de morte com requintes de perversidade; ou em uma dessas vias cidadãs ruiu um prédio vitada em construção — com perda de vidas! — por culpa bem criminoso de um empreiteiro desonesto; ou...?

De facto, na rua de um Santo tal, um acontecimento não tão condóvel! É chocante.

Afinal, então, qual o critério a seguir-se na topomímica cidadã, vilão ou alde? Figuras nacionais ou, ao menos, locais? Santos da Corte Celestial? Números incoloros ou insípidos?

Ah! Talvez flores odorosas. Sim. No Bairro do Amial, no Porto, assim foi resolvida a questão. E que bem que calham naqueles arruamentos tão amenos, tranquilos, floridos, os nomes de Avenida da Flor da Rosa; Praça dos Cravos e ruas dos Misottis, das Delícias, das Papoilas, dos Rainúnculos, das Anémonas e, até, da Florinha da Abrigada.

Al flores, ai flores do verde pino! Com os vossos belos nomes em placas lindamente floridas, quem questionaria sobre a topomímica local?

JOSÉ DOS REIS

TIMOR

Continuado da página 1

de Banda, o cravo das Malucas e o sândalo de Timor.

Como, então, o que essencialmente interessava ao comércio da Europa eram as especiarias, resolve o vice-rei da Índia mandar uma frota de duas naus e uma caravela latina descobrir os distantes e mais ricos (ao tempo) arquipélagos do Oriente, afastados de Malaca cerca de 3000 quilómetros.

Timor, implicitamente, não era objectivo a atingir, embora ficasse no caminho. O capitão-mor da frota, António de Abreu, natural de Avis, comandava a Nau «Santa Catarina»; Francisco Serrão — o amigo de Fernão de Magalhães que viria a mandar-lhe notícias sobre a posição das Malucas, que o levaram a pôr-se ao serviço de Espanha — a Nau «Sabaia»; da caravela era capitão Simão Afonso. Ao todo, seguem nos navios 120 portugueses, acompanhados por navegantes malaios e chineses conhecedores da rota oriental.

Na segunda quinzena de Dezembro de 1511, larga a frota para a sua viagem de descobrimento através do estreito de Malaca. De acordo com o regimento que o capitão-mor levava, fez ela uma curta paragem na antiga cidade de Agacim, na ilha de Java; daqui parte directamente para o arquipélago de Banda, navegando a norte das ilhas que se sucedem à de Java, das quais Timor é a maior.

Por alturas da ilha de Lomboque, segunda adiante de Java, desencadeia-se forte temporal que faz naufragar a nave «Sabaia», capitaneada por Francisco Serrão, mas salva-se a equipagem. A frota reduzida a duas unidades, chega às ilhas de Banda, procede ao reconhecimento do arquipélago e, ao dirigir-se depois para as Malucas, apanha junto destas, novo temporal que a desbarata à vista da ilha de Amboino ou de Ambon.

EDUARDO SERAFIM

TRIBUNA DO LEITOR

Poveiros em terras do Brasil

... Sr. Director:

Cumprimentos sinceros. Peço-lhe desculpa por vir ocupar um canto do nosso jornal, mas ficava de mal comigo caso não lhe narrasse o assunto que vou expor.

Fui eu o único poveiro que fez parte das guarnições das fragatas que realçaram no Brasil as primeiras manobras conjuntas das Marinhas de Guerra de Portugal e do Brasil.

No Rio de Janeiro, assim como na Baía e no Recife, encontrei-me com muitos poveiros e falamos muito da Póvoa. Na capital da Guanabara encontrei a maioria dos rapazes do meu tempo. No entanto, havia uma coisa que eu não podia deixar de visitar e que era a Casa dos Poveiros. Procurei a Rua do Bispo e encontrei uma colina que, confesso, me deslumbrou. Mas mais maravilhoso fiquei ao ser convidado para um jantar.

Claro que o convite quando dirigido a um grande, é coisa banal; mas quando é oferecido a um poveiro que como brasão tem o de pertença à gloriosa Marinha de Guerra, uma pessoa fica maravilhada, e mais maravilhado fiquei quando vi reunidos tantos amigos.

Agora que se passaram alguns dias de regresso do Rio de Janeiro, não ficaria de bom grado se «vovoesse» as colunas do nosso jornal para agradecer a todos e em especial à direcção da Casa dos Poveiros pela forma tão simpática e amigável como me receberam.

Os meus agradecimentos.

João dos Santos Afonso (Cabo da Armada)

O Varzim e o seu treinador

Póvoa de Varzim, 6-11-68.

... Sr. Director:

Como varzinista, lamento o que se está a passar na vida do nosso glorioso Varzim. O grupo que nós acarinhámos e pelo qual sofremos dia-a-dia, ao que sabemos, tem um treinador que não reside na Póvoa, mas sim distante mais de cem quilómetros. Será admissível que se venha treinar o grupo e no final siga o seu destino, sem tratar de conviver de perto com os jogadores? No meu entender é a ele que compete vigiar a vida dos jogadores, de forma a afastá-los de certas lesões. Como pode o treinador ocupar-se dessa missão se reside longe da Póvoa, entregue certamente a outras ocupações? Estará isto certo? Porventura o Varzim não estará a pagar as facilidades dadas ao seu treinador?

Com os meus cordéis cumprimentos, me subscrevo,

José Morim da Costa (Sócio n.º 1059 do V. S. C.)

Manuel Rodrigues dos Santos

Fabricante de blocos para todos os géneros de construção em todas as medidas fazendo o lugar de tijolo ou de perpianha

GIESTEIRA POVOA DE VARZIM

Vende-se Um bairro de 6 casas com terreno anexo, no lugar das Moninhas. Informa: Manuel Soares, no mesmo bairro.

FUTEBOL



Belenenses, 4 - Varzim, 1

(Ao intervalo, 2x0)

Estádio do Restelo, em Lisboa. Árbitro: Francisco Lobo, de Setúbal.

Belenenses: Mourinho; Assis, Quaresma, Cardoso e Esteves; Luciano e Freitas; Fernando (aos 80 m. Laurindo), Ernesto (aos 83 m. Sérgio), Valtter e Godinho.

Varzim: Benje (aos 49 m. José Luis); F. Ferreira, Quim, Sabado e Sidónio; Rico e Aletio; Pena, Camolas, Nelson e Diamantino (aos 34 m. Valdiz). Os golos: Ernesto, aos 2 m.; Godinho, aos 11 m.; Fernando, aos 49 m.; Camolas, aos 69 m.; e Laurindo, aos 85 m.

em autorizar carga a destempe de um avançado belenenses. Depois, foi também o desacerco tático da equipa, sem chama na ofensiva, onde normalmente vagueava um, e por vezes dois atacantes mais adiantados, já que o principal intuito da equipa parecia ser o «segurar» o meio-campo, parcela onde se encontrava grande povoamento varzinista. Tudo isso de nada valeu já que os da ofensiva viviam à mingua de bolas jogáveis.

Continua na página 3

Terreno Vende-se com a área de 10,000 m² bem situado no lugar de Nova Sintra. Ótimo para construções, com água e luz próximo. Informa na Rua 1.º de Maio, 62.

Património Artístico Nacional

O Grémio Nacional da Imprensa Não Diária, recebeu do sr. Ministro da Educação Nacional o pedido de informar os jornais regionais de que podem dirigir-se directamente ao Gabinete do Ministro os pedidos de informações e documentação referentes ao património artístico local existente nos museus nacionais, de acordo com o seguinte despacho:

«A recolha, nos museus nacionais, de algumas das peças mais valiosas que vão sendo descobertas ou recuperadas em diversos pontos do país tem o efeito — que é inconveniente, mas não se pode evitar — de levar as terras respectivas a ignorarem os seus tesouros, e a esquecerem pouco a pouco alguns dos mais significativos testemunhos do seu passado. A imprensa regional e local não recusaria certamente a prestar o valioso serviço de difundir, nos respectivos meios, o conhecimento desses valores — desde que para o efeito lhe fossem fornecidos os necessários elementos.

O interesse desta difusão não carece de ser sublinhado; se por um lado se fomenta a cultura local, por outro chama-se a atenção para o

valor do conteúdo dos nossos museus cujas funções educacionais se inscrevem no conjunto de uma política cultural que ulteriormente será programada.

Devem assim a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes oficial aos directores dos museus dependentes deste Ministério, para que até 31 de Dezembro do corrente ano se organizem as listas das peças mais valiosas ali existentes ou arrecadadas e cujo conhecimento nas localidades onde foram recolhidas possam ter interesse, elaborando-se pequenas notícias explicativas acerca das mesmas peças.

Deve o IMAVE promover a reprodução fotográfica dessas peças, logo que a respectiva lista lhe seja enviada».

Cantina Escolar da Estela

O Diário do Governo n.º 254, de 28 de Outubro findo, publica a nova Comissão Administrativa da Cantina Escolar Comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, da Estela, que passa a ter a seguinte constituição:

Presidente, D. Aleth de Araújo; Vice-Presidente, Manuel Oliveira da Silva (Faria); Secretário, Prof.ª D. Maria Adelaide Nogueira Viana; Tesoureiro, Prof.ª D. Isaura Pereira Alves de Araújo; Vogal, Prof.ª D. Laurentina Alves dos Santos.

Deste modo, encerra-se um período de irregularidades naquele estabelecimento de beneficência que deram lugar a um inquérito requerido pela Junta de Freguesia e à nomeação da referida Comissão Administrativa.

Esta foi a primeira cantina escolar criada no nosso concelho e solenemente inaugurada em 1947 e fica a dever-se ao gesto de beneficência do Comendador Ageziano de Araújo e de seus irmãos que, assim, servindo as crianças pobres da Estela, homenagearam a memória de seu pai, dal natural e grande impulsor da instrução nos primórdios deste século.

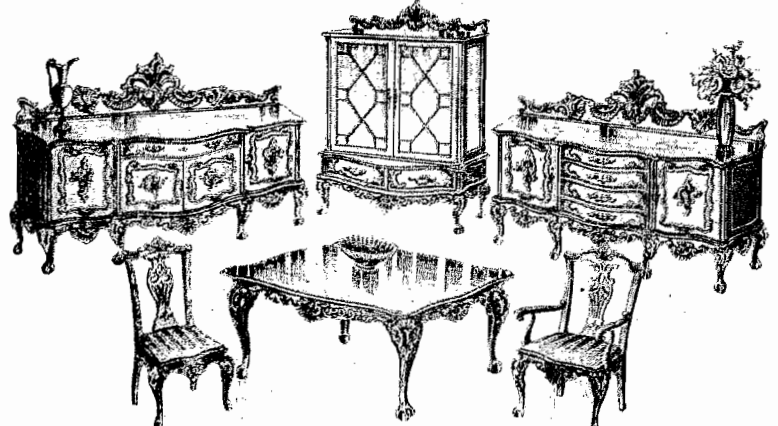
CASA ANDRADE

Rua 31 de Janeiro, 22-A (Junto ao Largo dos Correios)

Cereais — Farinhas — Fajão — Insecticidas — Sementes da horta e Jardim — Completo sortido de artigos, produtos e alimentação para aves, canoas, de capoeira e pombo correio.

MÓVEIS AZEVEDO

COLCHÕES DE MOLAS E DE ESPUMA



MOBILIAS EM TODOS OS ESTILOS E MOVEIS AVULSO

SEDE VILARINHO — Vila do Conde FILIAIS Rua Almirante Reis, 5-A — POVOA DE VARZIM Av. Dr. Carlos Pinto Ferreira-CAXINAS-Vila do Conde AGUÇADOURA — Póvoa de Varzim TEL. 62978

ortopedia SILVA

Confeccionamos Fundas para todos os casos de Hérmia de adultos e crianças, modelos especiais para cardíacos; vinte tipos diferentes de Fundas, com e sem alças entre pernas que lhe oferecem comodidade e contenção absolutas.

Cintas Medicinais Colétes para a Coluna Meias Elásticas

Pessoal especializado para atender ambos os sexos Atendemos receitas médicas

Rua Bonitos do Amorim, 60 — Tel. 62456 POVOA DE VARZIM

Edições de Artistas Mutilados (Edar)

Como de costume, foram postos à venda lindíssimas reproduções de quadros e desenhos feitos por artistas mutilados que os pintam com a boca ou com o pé.

Podem considerar-se verdadeiros trabalhos artísticos os que estão a ser desenhados por toda a parte, todós eles destinados à venda na quadra do Natal.

Todos deviam preferir os cromos e os calendários para os seus cumprimentos e desejos de Boas Festas a pessoas amigas. Fazendo-o contribuem para auxiliar tantos que se veem privados de pés ou braços e que tudo fazem para minorar o seu sofrimento.

Edar — Edições de Artistas Mutilados, Lda, com a sua sede em Lisboa — Apartado 1337 — para onde devem ser feitos todos os pedidos.

Prédio - vende-se

Rés-do chão e 1.º andar, situado na Rua Patrão Lugo n.º 9, perto da Avenida Mouzinho e da praia. Informa-se: Praça do Almada, 25.

Eng. José Ernesto Cerejo

Continuação da página 1

segurem técnicos competentes que se sujeitem a tanta responsabilidade por tão magra recompensa. E, hoje, pior do que ontem. A fuga dos quadros administrativos, no respeitante a pessoal técnico, é altamente afiliva para os responsáveis. A Póvoa teve o seu problema resolvido com natural inveja de outras terras que, embora maiores, se situam neste campo muito aquém da nossa. A proficiência directiva do Eng. José Cerejo está bem patente nos inúmeros louvores e votos de confiança lançados nas actas dos Serviços e da Câmara por todos os Presidentes com quem trabalhou.

Mas, para além dos louvores, o Eng. Cerejo conta na sua carreira de funcionário com algo de muito mais valioso e que constitui, afinal, o seu justo título de glória: A obra realizada. Esta sim, classifica-o e dá-nos a verdadeira dimensão do homem e do técnico.

Tenho à minha frente o relatório dos Serviços Municipalizados, referente ao ano de 1965 e através dele pode qualquer munícipe avaliar, com peso e medida, a evolução dos mesmos no último decénio. A esse magnífico documento chamo eu a «biografia profissional do Eng. José Ernesto Cerejo». Está ali a sua obra, na nudez dos números e por trás deles o sangue, suor e lágrimas de um homem que se entregou devotadamente à missão que um dia lhe confiaram e ele, conscientemente, aceitou com o firme propósito de engrandecer a Póvoa, sua terra de adopção. E conseguiu-o para além do nível comum, mas bem à altura da sua excepcional personalidade. Quem o conhece sabe que não é um homem de mediocridade, nem o atomizador do trabalho; arregaça as mangas e salta para o fogo com a mesma determinação com que equaciona as fórmulas potenciais de um sistema cu riscas, sobre a prancha, os complicados arabescos de uma linha distribuidora.

Do seu esforço físico e mental, em prol dos Serviços Municipalizados, restam-lhe profundas cicatrizes. E não menores as de ordem moral.

No gabinete de trabalho do Eng. Cerejo havia um quadro pequeno com a seguinte legenda: «É uma desgraça ter inimigos, mas é desgraça maior não os ter». Parece que estas palavras foram ali postas como balizas de um destino. Foi dom profético ou sonho óptico quem lhes inspirou? O certo é que o Eng. Cerejo tem na Póvoa inúmeros amigos e admiradores mas também poderosos inimigos. Uns e outros ganhos na insana luta de bem servir. Como não conhecia transigências que humilhassem nem comparições que envergonhassem, sofreu golpes de uma previsibilidade ignóbil por parte dos seus inimigos. Mas não hipotecou a sua dignidade e isso é bem maior glória que todos os arroufos da vaidade.

Acusam o Eng. José Cerejo de ser um homem temperamental. É verdade e aí devemos procurar a origem da sua extraordinária capacidade de trabalho. Pelo contacto pessoal que com ele tive durante vários anos colhi dados elucidativos acerca do seu temperamento. Vi-o austero e inflexível, armado da rudeza de um chefe, e vi-o desvelado e carinhoso, mais terço que um

pai, entre os desleixos e as fraquezas dos subalternos. Conheci-o indomável, como um leão, perante a arrogância dos que tentavam duvidar da sua honestidade ou competência profissional. Conheci-o manso como um cordeiro, prudente e calado como um monge, perante os «imbróglios» que passavam sobre a mesa dos Conselhos de Administração e ultrapassavam os limites da sua esfera de acção.

Conheci-o equilibrado e prudente a aconselhar, entusiasta e generoso a agir.

Os que apelam para o seu temperamento com o intuito de o acusarem, são injustos. Preferiu os temperamentos aos amorfos, os decididos aos tibios, os insatisfeitos aos acomodaticios. São mais sinceros e leais. Nunca lhe observei a menor quebra de respeito para com os superiores.

Poderia aqui referir ao indelectível nacionalismo do Eng. José Ernesto Cerejo; aos bons serviços prestados ao actual regime. Poderia apontá-lo como um chefe de família exemplar, como um católico autêntico. Mas isso não vem para aqui e o meu testemunho está dado.

M. A.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

dirigido pelas Dr.^{as}Maria da Conceição Pinto dos Santos
Maria Cândida da Costa Ferreira

Rua 5.ª Outubro, 26-A-1.ª — Póvoa de Varzim

Quem semeia ventos...

Continuação da página 1

7.º — Não deu seguimento a uma deliberação da Câmara nomeando o Ex.º sr. Coronel Abreu Malheiro, por proposta do Presidente, Cidadão Poveiro, atenta à simpatia muito especial que durante 50 anos tem evidenciado pela Póvoa.

8.º — Não cumpriu com a prontidão devida o despacho do Vice-Presidente de 25 de Agosto de 1967 que lhe mandava passar e entregar com urgência uma certidão requerida por Manuel André José da Costa, respeitante a um testamento cerrado e depositado na Câmara. Este assunto está concretizado no ofício remetido ao Ex.º sr. Governador Civil do Porto em 30 de Agosto de 1967.

9.º — Repetiu factos depois de ter sido repreendido pela Presidência, ao submeter à deliberação da Câmara vários assuntos sem prévio conhecimento do Vice-Presidente em exercício, conforme ordem de serviço de 7 de Setembro.

Efemérides Poveiras

NOVEMBRO

2-1908 — Em protesto que foi aprovada por aclamação, a Câmara resolveu dar à Rua da Bandeira (que existiu entre a Rua da Cavenreira, lado do Castelo, e a Rua do Pelourinho) o nome do Dr. António Silveira.

4-1891 — Morre em Auer-0-Mar, sua terra natal, o grande escritor e poeta Gomes da Cunha, autor de «Os Sotogones», «Cantos Malitinos», etc., e, sobretudo, dum monumental Biografia de Almeida Garrett, grande amigo e desvelado protector que lhe morreu nos braços.

6-1906 — D. Carolina Augusta Pereira de Eça de Queirós assegura, em sua carta desta data, que seu ilustre filho Eça de Queirós nasceu efectivamente na Póvoa, numa casa (como o viria a esclarecer o pai do insigne escritor) então habitada pelo seu pai, Francisco Augusto Pereira Soromenho, empregado na Fiscalização do Pescado.

Esta carta e outros documentos de inegável valor probatório, viriam a servir de base à obra que o ilustre arqueólogo Rocha Peixoto editou sob o título «Eça de Queirós — Questão de naturalidade», impressa no Porto em Novembro do mesmo ano.

8-1833 — Nasce o P. Joaquim Maria Ribeiro de Azevedo, «escritor» dumas memórias muito úteis para um melhor conhecimento de alguns usos e costumes da Póvoa na segunda metade do século passado.

Medalha comemorativa DA PASSAGEM DE PAULO VI POR LEIRIA

A Câmara Municipal de Leiria mandou cunhar uma medalha, em bronze, comemorativa da passagem do Papa Paulo VI pela cidade de Leiria, e ofereceu-a, como contributo da edilidade, para a edição do Centro Social Paulo VI, obra social e educativa que permanecerá na cidade a presença do grande «Peregrino da Paz».

A medalha é autografada pelo Santo Padre, (caso absolutamente inédito); tem tiragem muito limitada e reverte a favor de uma obra de elevação social e humana.

Valiosa e bonita, é vendida ao preço de 500\$00, excluídas as despesas de envio. Os pedidos devem ser dirigidos à Sé Catedral de Leiria.

A SOPETE CONFIANÇA

Continuação da página 1

vai promover o I Serão Poveiro na noite de S. Martinho

A Sopete — Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos, vai organizar o I Serão Poveiro na Noite de S. Martinho, com uma ceia servida por pratos regionais.

Com esta iniciativa pretende a direcção da Sopete motivar um convívio periódico, são, fecundo e alegre entre Poveiros e Amigos da Póvoa mantendo vivo o calor humano do seu programa «Confraternização e Boa Vontade para o Progresso da Póvoa».

«O Comércio da Póvoa» agradece muito reconhecido a gentileza do convite que lhe foi enviado para a Ceia de S. Martinho.

A direcção da Sopete solicita-nos a publicação do seguinte:

«Convidam-se os Senhores Accionistas da Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos — S.A.R.L. — a participar no I Serão Poveiro que terá lugar na Noite de S. Martinho, dia 10 do corrente, no Restaurante Chelsea, com começo às 21.30 horas, o qual constará de uma Ceia Regional à Poveira, integrada num «Convívio» com a Imprensa.

A falta do envio do respectivo Convite, só a um lapso imputável, fica por esta forma suprida.

As marcações serão respeitadas até às 10 horas de sábado.

bro de 1967 para o Chefe da Secretaria informar.

10.º — Atitude violadora das normas e princípios da hierarquia para com os seus superiores. Vice-Presidente da Câmara, tomada na resposta que o Chefe da Secretaria, deu em papel timbrado e registado sob o n.º C-1/13, de 30 de Outubro de 1967.

11.º — Aquando da preparação do 2.º orçamento suplementar para 1967, a sua atitude deu lugar a graves falhas, omissões e defeitos, negou-se à elaboração da minuta desse orçamento. O comportamento do Chefe da Secretaria foi a este respeito objecto da deliberação fundamentada tomada em reunião da Câmara de 3 de Novembro de 1967 na qual se concluiu, com a deliberação de pedir superiormente a vinda urgente da Inspeção Administrativa a este Município.

12.º — O Vice-Presidente ordenado ao Chefe da Secretaria para se deslocar ao seu gabinete, desobedeceu a esse ordem, respondendo «que o Vice-Presidente não se encontrava em exercício, mas lhe mandava um funcionário». Testemunharam este acto, por se encontrarem no gabinete do Vice-Presidente, o Vereador sr. Simão Tavares e o sr. João Alberto Raio de Carvalho Felix da Costa.

Pelo que se vê, é um assunto que dá pano para mangas. Lamentamos que a falta de espaço não nos permita inserir todos os quesitos em número de 21. Completaremos a sua publicação na próxima semana.

O que nos se faz no dia de Santa Luzia, faz-se ao outro dia...

Vende-se o prédio da Rua de Joaquina A. de Aguiar 18 (traseiras da Câmara) Informa Rua de José Malgueira, 43

Um agradecimento da Mesa da Santa Casa

Em ofício que nos é dirigido, o sr. dr. Luís de Almeida Rainha, provedor da Santa Casa da Misericórdia, pede-nos para que tornemos público o reconhecimento da Mesa Administrativa a quantos colaboraram para o brilhantismo da grande jornada de caridade que foi o Cortejo de Oferendas ultimamente realizado. Do melhor grado nos desempenhamos da missão solicitada.

justo, mas sempre menos. Nos negócios públicos, o justo pagará mais, o outro menos. Se há, pelo contrário, alguma coisa a receber, o justo não recebe nada, e o homem injusto recebe muito... «... Além disso, torna-se odioso para os amigos e parentes, porque não quer fazer nada por eles, além do que é esquisitativo... «... o homem injusto recorre à fraude e à violência para se apo-

derar pouco a pouco dos bens alheios e não respeita o sagrado nem o profano; nem os bens particulares nem os do Estado; invade todos ao mesmo tempo. Para cada um destes delitos, qualquer indivíduo apanhado em flagrante é punido e recebe os mais odiosos labéus. Mas (oh homem injusto) chamam-lhe homem feliz; homem privilegiado... Tanto assim que a injustiça, levada a certo ponto, é mais forte, mais livre, mais poderosa do que a justiça...»

Sem queremos sofmarmos também a verdadeira moral, somos contudo tentados a concordar com estas afirmações, tanto e a tantas elas se aplicam, hoje como em todos os tempos.

Mas, para consolação dos justos, que também os há, eles é que são os mais felizes. Não acredito que possa haver maior bem do que a consciência do dever cumprido, (pelo menos de boa-fé...), nem melhor amparo na adversidade. Mais ainda, quando o dever toma o sentido cristão que o projecta para lá da nossa breve passagem pelo mundo, conforme as piedosas cerimónias de mais este Novembro, «mês das almas», nos torna mais presente. Depois do Purgatório, da reincarnação, ou qualquer das crenças (e Deus sabe porque são tão diversas) com que o homem pretende explicar o mistério da morte, as nossas boas acções dar-nos-ão, um dia, enfim, o repouso, de que só a paz de consciência é já aqui um reflexo. Por isso, ninguém troca a paz da consciência, se a consciência se habituou a ela.

Fundos e sábios projectos hão-de germinar no espírito do novo Chefe do Governo, como nos afirmou ser de sua vontade. Que a vontade de Deus e a vontade dos governados o ajudem.

MARIA CESARINY CALAFATE

Laboratório de análises clínicas

Dirigido pela Dr.^a

MARIA TERESA CAMPOS CUNHA A. MOREIRA

Rua Gomes Amorim, 1-A — Telef. 64814 — Póvoa de Varzim

REUNIÃO UMA FORTUNA

de escritores portugueses ganha apenas por 365-escudos!

num cocktail, com o qual se assinou o lançamento simultâneo de 4 obras de autores nacionais

Como noticiamos, pela primeira vez em Portugal, uma Editora, Publicações Europa-América, procedeu ao lançamento simultâneo de quatro autores nacionais. Dois deles, Fernando Namora (de quem se publicou um novo livro, «Um Sino na Montanha») e Alves Redol (que reescreveu o romance «Aveiros», há muito esgotado) são escritores de larga projecção no meio artístico e literário português; Maria Isabel Barreno (de quem se publica o romance «De noite as árvores são negras») é uma estreante de maior qualidade e um nome que ficará nas letras portuguesas contemporâneas; João Palma-Ferreira (que publicou o volume de narrativas «Três Semanas em Maio»), até agora conhecido como crítico literário, é uma vigorosa revelação de ficcionista e ofereceu-nos, com a sua obra, um novo itinerário artístico na literatura portuguesa.

A assinalar o acontecimento, numerosas personalidades do meio artístico reuniram-se, no passado dia 23, num cocktail de boas noites servido no salão de exposições da livraria Quadrante, em Lisboa.

O editor Francisco Lyon de Castro proferiu algumas palavras em que traçou um curioso panorama da actividade cultural portuguesa nos últimos decénios, vindando, sobretudo, o papel que nela desempenhou o escritor.

Todos os meios de informação, estavam amplamente representados, encontrando-se, entre a assistência, algumas das personalidades mais destacadas da vida cultural do nosso país.

Lemos que um jovem alentejano, natural de Beja, veio da sua terra a Lisboa e, dispendendo apenas 365\$00, ganhou o maior prémio de sempre, do Totobola — ou seja a «modéstissima» quantia de 3 mil, duzentos e tantos contos!! Foi o único totalista em todos os tempos. Além de conseguir um treze fez ainda dez dozes. Foi um homem cheio de sorte!...

E há ainda quem a firme que neste mundo tudo é triste, tudo é fado...

CARGA AÉREA DE E PARA TODO O MUNDO

P O R T O

TRANSNAUTICA

L I S B O A

R U A J ú l i o D i s i s , 7 3 9

T E L E F . 6 7 0 6 8 • 2 7 1 7 3 (8 l i n h a s)

Seleções Femininas do Clube das Donas de Casa

Quis a gentileza de D. Marisabel de Sousa, directora do Clube das Donas de Casa, ofertar-nos o 1.º número — II série, de Seleções Femininas, pertencente àquele Clube e que é publicada debaixo da sua direcção.

O número de Novembro, agora posto à venda, é um autêntico magazine com 160 páginas dedicadas às senhoras, com secções de culinária, modas e tratamento a dar aos bebés, etc. Insere ainda contos, novelas e outras secções de geral interesse.

Ao apresentarmos Seleções Femininas às senhoras da nossa terra fazemo-lo convencidos que através dela poderão adquirir bons conselhos além de lhes proporcionar belos momentos de distracção.

MOVEIS

CASTELO

MOVEIS EM TODOS OS ESTILOS

exposição permanente

RUA DA PONTE — POVOA DE VARZIM

FILIAL EM SANTO TIROSO — FABRICA EM POÇOS DE FERREIRA